
“AVISA O IML, CHEGOU O GRANDE DIA” UMA ANÁLISE DA MÚSICA “DIÁRIO DE UM DETENTO” COMO REPRESENTAÇÃO DO MASSACRE DO CARANDIRU de 1992

Endryws Felipe Souza de Moura – PET-História - UFCG
Graduando em História – UFCG
endryws_fs@hotmail.com

Regina Coelli Gomes Nascimento – PET-História - UFCG
reginacoelli2@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

“111 mortos, 103 vítimas de disparo, 513 tiros disparados, 8 mortos por objetos cortantes” esses dados se encaixariam perfeitamente em uma guerra civil, ou até em uma execução sumária de judeus em um campo de extermínio nazista¹, mas essas estatísticas pertencem a uma ação policial no Brasil. Estamos falando de um massacre, um dos acontecimentos mais vergonhosos no sistema penal brasileiro, que até hoje permanece impune perante a justiça: o Massacre do Carandiru.

O Massacre do Carandiru é uma expressão criada pela mídia para nomear a ação policial realizada no dia 2 de outubro de 1992 que tinha como objetivo conter uma rebelião no Pavilhão Nove da Casa de Detenção de São Paulo (Carandiru), essa operação policial comandada pelo Coronel Ubiratan Guimarães que contou com 362 policiais, foi desastrosa e até hoje é citada como a vergonha no sistema penal brasileiro.

A forma trágica como acabou a rebelião é conhecida pela maioria, 111 mortos², sem rostos, apenas 111, massificados pela mídia, vítima de um sistema punitivo falho (haveria um sistema punitivo justo?), que não cumpre a função prevista por Michelle Perrot:

“Na medida em que a pena privadora de liberdade constitui o essencial, a prisão assume uma tripla função: punir, defender a sociedade isolando o malfeitor para evitar o contágio do mal e inspirando o temor ao seu destino, corrigir o culpado para reintegrá-lo a sociedade, no nível social que lhe é próprio”.³

O Massacre do Carandiru ganhou repercussão internacional e conseqüentemente foi forte alvo dos recursos midiáticos, dessa forma é natural a quantidade de discursos diferentes que percorreram na época. De todas as análises envolvidas e dos debates conseqüentes, neste artigo optei em priorizar o relato presente na música de rap “Diário de um detento” que está

localizada na faixa sete do disco que lançou a banda em uma perspectiva nacional, “Sobrevivendo no Inferno”, do grupo musical Racionais MC’s.

O grupo surgiu no final da década de 80, e até hoje mantém seus integrantes originais, são eles: Mano Brown, Edy Rock, KL Jay e Ice Blue. Essa música foi criada por Mano Brown com base em um diário de Jocenir, pseudônimo de Josemir Prado.

O estilo musical do grupo é o rap, gênero conhecido como anti-convencional, suas letras são marcadas pela revolta e pelo protesto a uma sociedade opressora. O rap é um ritmo musical que provem dos guetos está cada vez mais ganhando a atenção dos jovens de classe média, o que ajuda na propagação da mensagem que o rap contém.

2. DIÁRIO DE UM DETENTO

“São Paulo, dia primeiro de outubro de 1992, oito horas da manhã”⁴

Como primeiro verso da música Mano Brown tenta apresentar inicialmente sua característica principal que é a sua semelhança com um diário, pois ao compor a música, Mano Brown se utilizou do diário de Josemir Prado, um dos detentos do Carandiru e da sua própria observação do presídio já que freqüentava o local durante as visitas, e assim pode reconstruir alguns episódios relativos ao cotidiano da casa de detenção.

Em uma cadência ritmada, acompanhada por batidas que marcam o compasso da música Mano Brown vai contextualizando o presídio: “Lamentos no corredor, nas celas no pátio / Ao redor do campo, em todos os cantos / Mas eu conheço o sistema meu irmão, aqui não tem santo”.

A própria voz do cantor contribui para apresentar um clima de melancolia e ansiedade à música, tentando retratar com máxima precisão a vida dentro do presídio. E com a batida eletrônica forte ao fundo, como um compasso, temos a sensação de uma frequência, uma contagem do tempo, ritmada como os ponteiros de um relógio, “Acendo um cigarro vejo o dia passar / Mato o tempo pra ele não me matar” “tic-tac, ainda é nove e quarenta / O relógio na cadeia anda em câmera lenta”. A questão cronológica na música é essencial, pois na letra fica clara a sua organização dos eventos

A música propõe a análise do presídio começando por um dia antes do Massacre, para, seguindo uma lógica, mostrar como foi inesperado e letal. Essa cronologia própria é que

caracteriza a organização dos fatos, cabendo ao primeiro dia uma apresentação geral do presídio, da convivência entre os presos, das leis adotadas entre si, a religiosidade, a forma como são vistos pela sociedade. E como a população encara o presidiário:

“Ratatá, mais um metrô vai passar / Com gente de bem, apressada, católica / Lendo jornal, satisfeita, hipócrita / Com raiva por dentro, a caminho do centro / Olhando pra cá, curiosos é lógico / Não, não é não. Não é o zoológico / Minha vida não tem tanto valor / Quanto seu celular, seu computador”⁵

O presidiário desperta então a curiosidade popular: “Olhando pra cá, curiosos é lógico”. Quem seriam os habitantes da “cidade de pedra”? Comparados neste sentido a animais expostos em jaulas, mas não para uma admiração, pelo contrário, eles estão privados de sua liberdade para servir como exemplo negativo, para serem punidos.

Seguindo esse contexto, ocorre então uma mistificação em torno do preso, uma vez sob a condição de detento, dificilmente voltará a ser um “cidadão comum”, pois se cumprir sua pena e se redimir com a sociedade, serão vistos como ex-presidiários, e nesse momento é que o preconceito emerge, os ex-presidiários têm dificuldades em conseguir emprego, e são vistos de forma diferenciada pelos demais e pela polícia. “Todos os testemunhos concordam: há extrema dificuldade em se conseguir trabalho. A partir do momento em que o véu que encobria sua condição de liberto é rompido todos o evitam e fogem dele”. (PERROT, 1988, p. 270) Por mais que a citação se refira à França do século XIX, nossa realidade não é tão distante, e comunga em alguns aspectos.

É nesse aspecto que o sistema punitivo brasileiro ainda falha, já que ele não adere políticas de reabilitação do preso, de uma reinserção social. Mas seguindo uma perspectiva oposta, o sistema carcerário é visto como uma forma de excluir socialmente alguém, que de certa forma já era excluído. “O isolamento do cárcere se alia ao isolamento social. Antes mesmo de serem presos, muito daqueles homens já sentiam na pele a divisão de mundos”. (LEITE, 2009, p. 18)

O que fica claro na segunda parte da música⁶ são as regras estabelecidas entre os presos para uma “convivência possível”, no qual cada preso tem que seguir regulamentos sociais criados por eles mesmos. “Lealdade é o que todo preso tenta / Conseguir a paz de forma violenta / Se um salafrário sacanear alguém / Leva ponto na cara igual à Frankstein”. E fica mais claro ainda como é mostrado no livro do Dr. Dráuzio Varella (1999):

“Neste livro, procuro mostrar que a perda da liberdade e a restrição do espaço físico não conduzem a barbárie, ao contrário do que muitos pensam. Em cativeiro, os homens, assim como os demais grandes primatas (orangotangos, gorilas, chimpanzés e bonobos), criam novas regras de comportamento com o objetivo de preservar a integridade do grupo. Esse processo adaptativo é regido por um código penal não escrito, como na tradição anglo-saxônica, cujas leis são aplicadas com extremo rigor”.⁷ (VARELLA, 1999, p. 9)

A uma primeira vista pode até nos parecer que a visão que Varella possui dos prisioneiros é uma aplicação do darwinismo social, que tenta reproduzir a ideia de evolução em sociedades humanas, mas com um detalhamento do texto, percebemos que seu método vai além dessa prática.

3. O MASSACRE: “AVISA O IML, CHEGOU O GRANDE DIA”

Essas leis criadas pelos detentos facilitam o convívio e estimulam o respeito entre eles mesmos, só que a própria lei criada entre eles também falha, e aí ocorre os conflitos, as mortes e até rebeliões. No Carandiru a rebelião começou a partir da discussão de dois presidiários, “Dois ladrões considerados passaram a discutir / Mas não imaginavam o que estaria por vir” e foi se alastrando até não conseguir mais se estabelecer a ordem. Neste momento então o Pavilhão 9 foi fechado e na linguagem dos presos “a casa virou”, a rebelião estava feita, tinha agora que ser controlada, (custe o que custar?).

“Era a brecha que o sistema queria / Avisa o IML chegou o grande dia”. A referência que Mano Brown faz a “brecha do sistema” é uma possível alusão a exclusão do preso, ao desejo quase que comum na sociedade de uma “vingança social”, que seria atingida com a pena de morte. Assim se o cidadão praticou atos danosos à sociedade, ele tem que pagar, não mais com a liberdade, mas com a vida. Então a polícia não deveria mais conduzir o delinqüente à justiça, mas a polícia se torna o juiz e o executor da pena, o chamado “Robocop” por Mano Brown: “O Robocop do governo é frio, não sente pena / Só ódio e ri como uma hiena”.

Ao citar o Robocop Mano Brown estaria também possivelmente falando sobre o fardamento dos policiais, que usavam capuz, capacete, escudo e estavam fortemente armados, enquanto os presos estavam desprovidos de armas de fogo, e após ordens da polícia, tiveram que ficar pelados. Da mesma forma que no filme Robocop o personagem principal está fortemente equipado, com armas e roupas blindadas, outra referência ao filme reside também

no fato de que o personagem principal, não possui sentimentos já que para não morrer se torna uma máquina.

Mas quem foi o autor do Massacre? Sabemos que o cel. Ubiratan comandou a operação, mas quem deu a ordem? Na música, Mano Brown cita Fleury, que era o governador de São Paulo: “Depende do sim ou não de um só homem / Que prefere ser neutro pelo telefone / Ratatata caviar e champanhe / Fleury foi almoçar que se foda minha mãe [...] Ratatata Fleury e sua gang / Vão nadar numa piscina de sangue”. Ao se questionado sobre o Massacre o governador afirmou que não foi comunicado pois estava almoçando, assim o Brown retratou logo em sua música um governador omissos, e nessa omissão é retratado o descaso com o preso e seus familiares, versos depois uma citação de Fleury como líder de uma gang, mostrando que não há muita diferença entre ele os policiais, e os detentos. O Estado então teria o direito de tirar a vida de algum indivíduo? Brown vai mais além e detalha o cenário:

“Cachorros assassinos, gás lacrimogênio / Quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio [...] Ratatata sangue jorra como água / Do ouvido da boca e nariz / O Senhor é meu pastor, perdoe o que seu filho fez / Morreu de brucos no salmo 23 / Sem padre, sem repórter, sem arma sem socorro / Vai pegar HIV na boca do cachorro / Cadáveres no poço, no pátio interno / Adolph Hitler sorri no inferno.”⁸

Cada verso desse trecho é importante para uma maior compreensão dos detalhes do Massacre, de suas características mórbidas, e é nesse trecho que o livro de Varella é também destacado, pois ao usar também a memória e o diálogo dos presos, o médico consegue detalhes da questão, o próprio formato de livro facilita uma maior transmissão de detalhes que na música.

Ao ser trancado o Pavilhão 9, e após a declaração dos presidiários de uma rebelião, medidas de controle tiveram que ser tomadas, por isso a polícia foi chamada para invadir o pavilhão. Ao entrar atirando, os presos se assustaram, pois não possuíam armas de fogo, e perceberam que a polícia não queria pacificar mas sim exterminar.

Os dados da perícia comprovaram que havia a intensão premeditada de matar, já que os presos mortos foram atingidos com disparos na parte superior do corpo. Durante a ação, os presos então tentavam retornar as suas celas, e foi neste momento que os policiais jogavam o gás lacrimogêneo, por meio de uma brecha na porta que servia para passar a comida, todos trancados na cela sofriam os efeitos do gás, e por meio dessa mesma brecha os policiais

disparavam seus fuzis e metralhadoras sem pena contra os detentos indefesos. Os cachorros da polícia também foram utilizados na operação, e estavam atônitos já que o pavilhão estava com muito sangue, muitos disparos, correria dos presidiários, isso contribuía para uma ação ofensiva do animal, que muitas vezes segundo os relatos no livro “Estação Carandiru” atingiam as genitais e outras partes sensíveis do corpo humano. (VARELLA, 1999, p 289)

Já no verso que se refere aos policiais “Quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio” é uma alusão ao fato de que vários policiais foram condecorados com a medalha de honra, pelos serviços prestados, por isso a música retrata a relação entre medalhas e quem fez mais vítimas.

“Vai pegar HIV na boca do cachorro”. A questão crucial é a da HIV, como dito antes o pavilhão estava jorrado em sangue, “o chão estava com sangue até o rodapé”⁹. E as doenças transmissíveis despertavam medo naqueles homens, pois estavam com contato direto com sangue desconhecido, possivelmente contaminado, o que causava uma grande preocupação. E ainda havia o preconceito com os portadores de HIV, e na visão da polícia e da comunidade, de uma maneira geral, os presos eram em sua maioria soros-positivos, por causa das relações sexuais sem camisinha, e compartilhamento de seringas que eram utilizadas para injetar drogas.

Então por um lado se tinha a polícia exterminando, e se o detento conseguisse sobreviver, corria o risco de adquirir uma doença transmitida pelo contato com o sangue. Era um verdadeiro massacre e um descaso. Os sobreviventes então se tornam mártires? Se essa “martirização” não ocorreu, eles se tornam sim possuidores de uma memória única, que precisa ser preservada e divulgada, para que não se caia no mesmo erro, (substituir por ‘e’ é uma boa opção) para que eles não sejam esquecidos, e para que possa lutar por mais justiça.

Mano Brown então termina a música: “Mas quem vai acreditar, no meu depoimento? / Dia 3 de outubro, diário de um detento”. A credibilidade do preso é pouca perante a sociedade, pois este já burlou as regras outrora, e há a desconfiança que ele quebre novamente o contrato social, por isso que Mano Brown se indaga, “Quem vai acreditar no meu depoimento?”.

4. UMA PRISÃO, VISÃO GERAL

“Aqui estou mais um dia, sob o olhar sanguinário do vigia, você não sabe como é caminhar, com a cabeça na mira de uma HK”.

Um cenário marcado pela constante vigilância, onde o detento é mantido “sob um olhar” diariamente, seria isso uma tentativa de aplicação do *Panóptico* de Benthan?, uma tentativa de estabelecer um controle total sobre o indivíduo?

“O *Panóptico* de Benthan é a figura arquitetural dessa composição. O principio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; ela tem duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. [...] Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível.[...] A visibilidade é uma armadilha”¹⁰

Por mais maravilhoso ou assustador que esse modelo de total vigilância possa parecer sua aplicabilidade no Carandiru era impossível, pois a Casa de Detenção contava com 9 pavilhões e 7.000 detentos, e não eram estruturados de maneira que se possa estabelecer uma total vigilância, mas de modo a sempre manter os presos trancados em seus pavilhões.

O modelo *panóptico* se torna impraticável no Pavilhão 9, que contava com aproximadamente 2.200 presos, essa individualidade então, pressuposto básico do modelo de Benthan não existia no Carandiru, já que as celas são compartilhadas com outros presos.

Individualidade que era tão comentada por Perrot:

“No interior da prisão, o sistema visa a destruir qualquer comunidade, a impedir qualquer forma de sociabilidade, a fim de submeter o recluso às influências exclusivas do alto e impedir ‘o contágio do vício’, essa cólera. [...] Ela se funda primeiramente na ‘classificação’”.¹¹

Destruindo essa coletividade e a sociabilidade é que se pode chegar a uma individualidade. Para isso existem vários procedimentos que buscam atingir esse “isolamento total do indivíduo”¹², (começo de período) primeiramente ele perde o nome e ganha um número, e seguida é submetido ao silêncio. Essas práticas foram aplicadas dentro do sistema celular na França, que visavam a solidão do preso, em uma aplicação completa ou semi-completa, onde o indivíduo não conversava e vivia isolado dos demais companheiros.

O sistema celular, que visava era útil na teoria, porém na prática ele fracassou, se torna muito caro para o Estado. Por isso as celas em geral das prisões não são feitas para apenas um prisioneiro, mas para vários prisioneiros.

Era muito comum críticas a um modelo celular, alegando que o isolamento levaria o indivíduo à loucura, mas mesmo com as críticas ele não foi totalmente eliminado, e hoje é aplicado como forma de castigo na prisão.

5. CONCLUSÃO

Do século XVIII e XIX nós enxergamos um desenvolvimento da prisão como forma máxima da justiça, que não buscava mais suplícios e violências públicas para punição, mas sim algo que parecesse mais humano, não se buscava mais infligir dor no corpo, se buscava atingir outra coisa: a “alma”.

Consequentemente também estamos observando uma falência do sistema prisional, onde a superlotação das prisões, não estão mais reabilitando o indivíduo, nem corrigindo seus erros, devemos então buscar uma nova forma de corrigir, de punir.

E é nesse contexto de falência que eu encaro o Massacre do Carandiru, é a expressão maior de um sistema falido, e o Mano Brown idealizou em sua música esse sentimento, e reproduziu através dela o pensamento de milhares de pessoas que buscam condições de vida melhor dentro do sistema carcerário. Que lutam pelo fim da impunidade e por justiça, assim através do rap, Mano Brown tenta preservar a memória do Massacre, para que não se repita na história, e que possamos aprender com o passado.

¹ No decorrer do artigo as referências ao Holocausto ou às práticas nazistas vão se tornando mais frequentes, e se torna ponto comum no discurso do sobrevivente, a própria forma como a sua memória foi recuperada se assemelha com a recuperação da memória dos sobreviventes do Holocausto.

² Versão oficial, porém segundo os detentos são mais de 250 mortos.

³ PERROT, 1988.

⁴ Ver Anexo

⁵ idem

⁶ Ao me referir a “primeira parte da música” eu elaboro uma divisão própria da música em duas, na primeira parte fica o dia 1 de outubro, e na segunda o dia do Massacre o dia 2 de outubro

⁷ VARELLA, Drauzio. Estação Carandiru. Companhia das letras. São Paulo, 1999

⁸ Ver Anexo

⁹ VARELLA (1999)

¹⁰ FOUCALT, Michel. *Vigiar e Punir*. Editora Vozes, 37 ed. Rio de Janeiro, 2009 p. 190

¹¹ PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1988 p.266

¹² Idem.

BIBLIOGRAFIA

VARELLA, Drauzio. *Estação Carandiru*. Companhia das letras. São Paulo, 1999

FOUCALT, Michel. *Vigiar e Punir*. Editora Vozes, 37 ed. Rio de Janeiro, 2009

LEITE, Carla Sena. *Ecos do Carandiru: Estudo Comparativo de quatro narrativas do Massacre*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da

Literatura, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1988

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2002/carandiru/> (acessado no dia 13/10/2010 às 04:48)

ANEXO

São Paulo, dia 1º de outubro de 1992, 8h da manhã.

Aqui estou, mais um dia.

Sob o olhar sanguinário do vigia.

Você não sabe como é caminhar com a cabeça na mira de uma HK.

Metralhadora alemã ou de Israel.

Estraçalha ladrão que nem papel.

Na muralha, em pé, mais um cidadão José.

Servindo o Estado, um PM bom.

Passa fome, metido a Charles Bronson.

Ele sabe o que eu desejo.

Sabe o que eu penso.

O dia tá chuvoso. O clima tá tenso.

Vários tentaram fugir, eu também quero.

Mas de um a cem, a minha chance é zero.

Será que Deus ouviu minha oração?

Será que o juiz aceitou apelação?

Mando um recado lá pro meu irmão:

Se tiver usando droga, tá ruim na minha mão.
Ele ainda tá com aquela mina.
Pode crer, moleque é gente fina.
Tirei um dia a menos ou um dia a mais, sei lá...
Tanto faz, os dias são iguais.
Acendo um cigarro, vejo o dia passar.
Mato o tempo pra ele não me matar.
Homem é homem, mulher é mulher.
Estuprador é diferente, né?
Toma soco toda hora, ajoelha e beija os pés,
e sangra até morrer na rua 10.
Cada detento uma mãe, uma crença.
Cada crime uma sentença.
Cada sentença um motivo, uma história de lágrima,
sangue, vidas e glórias, abandono, miséria, ódio,
sofrimento, desprezo, desilusão, ação do tempo.
Misture bem essa química.
Pronto: eis um novo detento
Lamentos no corredor, na cela, no pátio.
Ao redor do campo, em todos os cantos.
Mas eu conheço o sistema, meu irmão, hã...
Aqui não tem santo.
Rátátátá... preciso evitar
que um safado faça minha mãe chorar.
Minha palavra de honra me protege
pra viver no país das calças bege.
Tic, tac, ainda é 9h40.
O relógio da cadeia anda em câmera lenta.
Ratatátá, mais um metrô vai passar.
Com gente de bem, apressada, católica.
Lendo jornal, satisfeita, hipócrita.
Com raiva por dentro, a caminho do Centro.
Olhando pra cá, curiosos, é lógico.
Não, não é não, não é o zoológico
Minha vida não tem tanto valor
quanto seu celular, seu computador.
Hoje, tá difícil, não saiu o sol.
Hoje não tem visita, não tem futebol.
Alguns companheiros têm a mente mais fraca.
Não suportam o tédio, arruma quiaca.
Graças a Deus e à Virgem Maria.
Faltam só um ano, três meses e uns dias.
Tem uma cela lá em cima fechada.
Desde terça-feira ninguém abre pra nada.
Só o cheiro de morte e Pinho Sol.

Um preso se enforcou com o lençol.
Qual que foi? Quem sabe? Não conta.
Ia tirar mais uns seis de ponta a ponta (...)
Nada deixa um homem mais doente
que o abandono dos parentes.
Aí moleque, me diz: então, cê qué o quê?
A vaga tá lá esperando você.
Pega todos seus artigos importados.
Seu currículo no crime e limpa o rabo.
A vida bandida é sem futuro.
Sua cara fica branca desse lado do muro.
Já ouviu falar de Lucífer?
Que veio do Inferno com moral.
Um dia... no Carandiru, não... ele é só mais um.
Comendo rango azedo com pneumonia...
Aqui tem mano de Osasco, do Jardim D'Abril, Parelheiros,
Mogi, Jardim Brasil, Bela Vista, Jardim Angela,
Heliópolis, Itapevi, Paraisópolis.
Ladrão sangue bom tem moral na quebrada.
Mas pro Estado é só um número, mais nada.
Nove pavilhões, sete mil homens.
Que custam trezentos reais por mês, cada.
Na última visita, o neguinho veio aí.
Trouxe umas frutas, Marlboro, Free...
Ligou que um pilantra lá da área voltou.
Com Kadett vermelho, placa de Salvador.
Pagando de gatão, ele xinga, ele abusa
com uma nove milímetros embaixo da blusa.
Brown: "Aí neguinho, vem cá, e os manos onde é que tá?
Lembra desse cururu que tentou me matar?"
Blue: "Aquele puta ganso, pilantra corno manso.
Ficava muito doido e deixava a mina só.
A mina era virgem e ainda era menor.
Agora faz chupeta em troca de pó!"
Brown: "Esses papos me incomoda.
Se eu tô na rua é foda..."
Blue: "É, o mundo roda, ele pode vir pra cá."
Brown: "Não, já, já, meu processo tá aí.
Eu quero mudar, eu quero sair.
Se eu trombo esse fulano, não tem pá, não tem pum.
E eu vou ter que assinar um cento e vinte e um."
Amanheceu com sol, dois de outubro.
Tudo funcionando, limpeza, jumbo.
De madrugada eu senti um calafrio.
Não era do vento, não era do frio.

Acertos de conta tem quase todo dia.
Ia ter outra logo mais, eu sabia.
Lealdade é o que todo preso tenta.
Conseguir a paz, de forma violenta.
Se um salafrário sacanear alguém,
leva ponto na cara igual Frankenstein
Fumaça na janela, tem fogo na cela.
Fudeu, foi além, se pã!, tem refém.
Na maioria, se deixou envolver
por uns cinco ou seis que não têm nada a perder.
Dois ladrões considerados passaram a discutir.
Mas não imaginavam o que estaria por vir.
Traficantes, homicidas, estelionatários.
Uma maioria de moleque primário.
Era a brecha que o sistema queria.
Avise o IML, chegou o grande dia.
Depende do sim ou não de um só homem.
Que prefere ser neutro pelo telefone.
Ratatata, caviar e champanhe.
Fleury foi almoçar, que se foda a minha mãe!
Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo...
quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio!
O ser humano é descartável no Brasil.
Como modess usado ou bombril.
Cadeia? Claro que o sistema não quis.
Esconde o que a novela não diz.
Ratatata! sangue jorra como água.
Do ouvido, da boca e nariz.
O Senhor é meu pastor...
perdoe o que seu filho fez.
Morreu de bruços no salmo 23,
sem padre, sem repórter.
sem arma, sem socorro.
Vai pegar HIV na boca do cachorro.
Cadáveres no poço, no pátio interno.
Adolf Hitler sorri no inferno!
O Robocop do governo é frio, não sente pena.
Só ódio e ri como a hiena.
Rátátátá, Fleury e sua gangue
vão nadar numa piscina de sangue.
Mas quem vai acreditar no meu depoimento?
Dia 3 de outubro, diário de um detento.